

prisma.soc

Newsletter da Sociologia de Coimbra

FACULDADE DE ECONOMIA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Número 6

Fevereiro 2019



VOCÊ ESTÁ AQUI

Editorial (2)

Memória e Futuro

Paulo Peixoto (3)
Manuel Soares e Lucas Brasil (5)
Catarina Ribeiro (7)

No Terreno

Pedro Saraiva (9)

A Sociologia Mexe

Raquel Rego, Sílvia Ferreira
e Cristina Parente (11)

Fora da Série

Margarida Augusto (12)

Socionet

Priscila Freire (13)

À Margem

Carlos Barradas (14)

Projeto

SUPERA / Equipa CES (17)

Vaivém

Gabriela Cáceres Ojeda Freitas (18)
Valnete Freitas (20)

Ganhar a Vida

Célia Rodrigues (19)

Ensaio

Irina Castro (21)

Ufa!!! (23)

30 ANOS ALÉM DA MEMÓRIA FUTURA

Identificamos muitas revistas e outras publicações periódicas através dos seus números. Esta edição da *prisma.soc*, por exemplo, é a sexta e, assim, fazemos contas ao mesmo tempo que começamos a contar outras coisas, tais como aquelas que apontam para uma história em curso. É assim também com os aniversários das pessoas, com as décadas de um país ou com os milénios da historiografia. Permitem organizar o território do tempo, mas são sobretudo pretextos ou pré-textos, se quiserem. Neste caso, o facto de a Licenciatura em Sociologia da Universidade de Coimbra ter surgido no ano letivo de 1988/1989 faz com que esta edição da *prisma.soc* aconteça e seja marcada pelos 30 anos decorridos desde então. Um número assim redondo faz-nos girar em seu torno ao mesmo tempo que seguimos pelo caminho até aqui traçado: fazer desta newsletter da Sociologia de Coimbra um espaço projetado e com projetos de docentes e estudantes. 30 anos permitem parar para pensar e simultaneamente para continuar a fazer o futuro. Em *Grande Sertão: Veredas*, de João Guimarães Rosa, podemos ler “Qual é o caminho certo da gente? Nem para a frente nem para trás: só para cima. Ou parar curto quieto”. Deve haver alguma verdade nisso.

O nosso objetivo ao tomarmos como (pré)texto os referidos 30 anos é ir além de um conjunto de testemunhos para mais tarde recordar. Não queremos que esta edição da *prisma.soc* sirva apenas como memória futura. Se, como diz a canção de Sérgio Godinho, “o passado é um país distante”,

encurtaremos esse espaço ao olharmos (de novo) para a evolução da formação, pesquisa e organização da Sociologia da FEUC envolvendo docentes e discentes. Disto nos falam os primeiros textos deste número (artigos de Paulo Peixoto, Manuel Soares, Lucas Brasil e Catarina Ribeiro) que encurtam também o espaço que vai para o futuro (que corre sempre o risco de ser outro “país distante”) ao sublinharem possibilidades, rumos e opções que se seguem. Tratando-se esta de uma publicação assente em muitos trabalhos de estudantes não seria possível de outra forma.

Se fazer 30 anos implica viagem feita, a travessia continua. De muitas formas e feitios. As nossas secções (quase todas) habituais são disso testemunha. No *vaivém* de estudantes que atravessam fronteiras (nacionais e transatlânticas) para a construção dos seus percursos académicos (textos de Gabriela Freitas e de Valnete Freitas); no *ganhar a vida* que a sociologia teima em querer assegurar (texto de Célia Rodrigues); nas corridas observadas por quem está *no terreno* (texto de Pedro Saraiva) e na “corrida de obstáculos” a que um novo *projeto* se dedica (texto da equipa do SUPERA); nos lugares virtuais *socionet* que convidam a descobrir

inspiração, informação e indagação sem vírus (texto de Priscila Freire); no *ensaio* de refletir sobre a política científica de outras paragens (texto de Irina Castro); na criação de novas plataformas para promover o estudo, a pesquisa ou a ligação entre universidade e comunidade em que *a sociologia mexe* (texto de Raquel Rego, Sílvia Ferreira e Cristina Parente); no currículo *fora da série* de quem cria um novo jornal de estudantes (texto de Margarida Augusto). E porque falamos de travessia, *à margem*, damos boleia a quem quiser para uma peculiar viagem pela Nacional Um (ensaio fotográfico de Carlos Barradas).

Aproveitando à nossa maneira, mais uma vez, as palavras escritas no livro de Guimarães Rosa, apetece-nos terminar desejando que, entre memória e futuro, os próximos 30 anos possam fazer da Sociologia “palavra pegante, dada ou guardada, que vai rompendo rumo”. ■

Carlos Fortuna – Professor de Sociologia
 André Brito Correia – Professor de Sociologia
 Sílvia Ferreira – Professora de Sociologia
 Paulo Peixoto – Professor de Sociologia
 Benedito Rodrigues – Doutorando em Sociologia
 Lucas Brasil – Doutorando em Sociologia
 Manuel Soares – Doutorando em Sociologia
 Priscila Freire – Doutoranda em Sociologia
 Beatriz Ribeiro – Estudante da Licenciatura em Sociologia

30 anos a 100 à hora

Paulo Peixoto

Professor Coordenador do Núcleo de Sociologia da FEUC

Largos dias têm 30 anos, dir-se-ia para aludir à possibilidade do muito que se pode fazer, e que se fez, em três décadas. O mesmo se diria para dar conta, que, numa universidade com mais de 700 anos de história, se 30 anos são um curto lapso de tempo, a Sociologia de Coimbra não fica a reclamar ao tempo falta de oportunidades para ganhar identidade e relevância, na faculdade, na universidade, no país e além fronteiras. Não estando exatamente desde o início, posso testemunhar o trajeto da Sociologia na FEUC e da Sociologia de Coimbra a partir do final do primeiro ano de funcionamento da licenciatura, no longínquo ano letivo de 1988-1989.

É certo que a Sociologia já existia na Universidade de Coimbra antes de a licenciatura ter começado a funcionar, designadamente no seio do Centro de Estudos Sociais (CES), criado 10 anos antes, em 1978, reificando-se, particularmente, na *Revista Crítica de Ciências Sociais*. Sendo igualmente certo que a consolidação da Sociologia na Universidade de Coimbra não é alheia ao crescimento do CES. Como também não é alheia ao facto de o seu funcionamento na FEUC se articular com a formação nas demais áreas científicas (a Economia, a Organização e Gestão de Empresas e as Relações Internacionais), assim como com os núcleos científicos que existem na faculdade. Mas é, sem dúvida, a criação da licenciatura que confere à Sociologia de Coimbra uma nova expressão, dando-lhe um novo impulso.

Com a criação da licenciatura, forma-se um corpo docente próprio, de quase duas dezenas de professores, que, progressivamente, permite consolidar a oferta de formação em Sociologia na Universidade de Coimbra. O entusiasmo em participar na criação de um novo curso e na afirmação de uma “nova” faculdade estende-se, visivelmente, àqueles que em cada ano foram chegando à FEUC para se licenciar em Sociologia. São criadas pós-graduações, um programa de formação integrada (licenciatura-mestrado) com a Universidade de Bordéus,

mestrados e programas de doutoramento. Passados 30 anos, o grupo de docentes participa atualmente na coordenação de 7 programas de doutoramento que têm o CES como instituição de acolhimento e que envolvem 5 unidades orgânicas da Universidade de Coimbra. Em três décadas, mais de 2000 estudantes passaram pela formação em sociologia ministrada na FEUC. E o Núcleo de Estudantes de Sociologia (NES) tem, ao longo dos 30 anos, contribuído de modo indelével para a identidade e a relevância da sociologia, na FEUC, na UC e no país.

A chegar, também eles, aos 30 anos, os edifícios da FEUC que ladeiam o Palácio dos Limas são a expressão material da identidade e da relevância da Sociologia de Coimbra. Aí foi recentemente celebrado, no final de 2018, o evento científico que comemorou os 40 anos da fundação do CES e que permitiu evidenciar o grau de internacionalização resultante das muitas iniciativas lançadas em 4 décadas. Realizado, em 2017, o Encontro Nacional de Estudantes de Sociologia decorreu na FEUC, procurando dar sequência a uma iniciativa irregular, mas que chega também aos 30 anos de vida, porquanto, em 1990, o núcleo de estudantes de Sociologia da FEUC se empenhou ativamente na organização de um primeiro encontro nacional de estudantes de Sociologia que viria a realizar-se no ISCTE. Foi nesses mesmos edifícios da Av. Dias da Silva, em Coimbra, que, em 2000, se realizou o IV congresso da Associação Portuguesa de Sociologia, que até à data sempre ocorrera em Lisboa e que hoje, com 10 edições realizadas, já teve lugar em quase todas as instituições de ensino superior onde existem licenciaturas em Sociologia. Foi também na FEUC que, em 1990, teve lugar a primeira edição do Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais que, passados 30 anos, voltará a Coimbra para realizar a sua XIV edição. Uma iniciativa, germinada no CES, que liga a Sociologia ao espaço lusófono e que, no plano da formação, nos impele a destacar o contributo da Sociologia de Coimbra para a formação, sobretudo ao nível

do mestrado e do doutoramento, de centenas de estudantes brasileiros.

Olhando retrospectivamente, tudo parece passar a grande velocidade. Para lá das memórias e do orgulho, para lá dos desejos e da convicção de um futuro promissor, fica a certeza que a comunidade de sociólogos que reunimos e ajudámos a criar é hoje a expressão mais sólida da nossa identidade e relevância. Pelos 30 anos, concretizamos a renovação do corpo docente e a renovação curricular dos cursos que configuram a formação em sociologia. Algo que

sempre fomos fazendo, na medida do possível, no contexto das solicitações externas e, sobretudo, na procura de uma formação sólida, atualizada e implicada com os desígnios da Sociologia.

Que venham mais 30 anos. Prego a fundo, em excesso de velocidade quando for preciso. O chão que pisamos dá-nos a segurança que precisamos. O limite será sempre o que nos impusermos a nós mesmos. Mas os nossos passados 30 anos só nos permitem ser ambiciosos. ■

Da esquerda para a direita:

Carlos Fortuna,
Coordenador do
Doutoramento em
Sociologia;

António Sousa Ribeiro,
Coordenador da Direção
do CES;

Teresa Pedroso de Lima,
Diretora da FEUC;

Paulo Peixoto,
Coordenador do Núcleo
de Sociologia;

José Manuel Mendes,
Coordenador da
Licenciatura em
Sociologia;

Catarina Gomes,
Presidente do NES



Mesa de Abertura do Dia da Sociologia realizado em 2018 na FEUC



Público de uma das sessões integrantes do Dia da Sociologia de 2018 realizada no Auditório da FEUC

Saberes, experiências e alternativas: CES celebra 40 anos de existência refletindo sobre o futuro da investigação



Foto: CES/Carlos Barradas

Conferência de Boaventura de Sousa Santos no Auditório da Reitoria da UC

Catarina Ribeiro

Doutoranda em Sociologia / FEUC

Fundado em 1978, o Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra tem a sua génese numa estratégia científica assente na democratização do conhecimento e na revitalização dos direitos humanos. Começou por ser um projeto de um pequeno grupo de investigadores/as que, sob orientação de Boaventura de Sousa Santos, se dedicava à pesquisa social e à publicação da *Revista Crítica de Ciências Sociais*. Em 1987, o CES conquistou um primeiro apoio significativo, que permitiu a concretização de um projeto de investigação de maior escala. Em 2002, passou a ser Laboratório Associado. Assim se foi construindo a história deste centro de investigação sediado em Coimbra que, atualmente, conta com mais de 800 pessoas (entre investigadores/as, funcionários/as e doutorandos/as), coordena vários observatórios e faz parte de diversas redes de investigação^[1]. O CES é hoje considerado uma comunidade científica na qual a inter e a transdisciplinaridade são duas grandes linhas de intervenção, em torno das quais tem também promovido aprofundadas reflexões através de publicações, de formação e

de eventos científicos.

Em 2018, o CES celebrou o 40º aniversário, data que assinalou, entre outras iniciativas, com a organização de um colóquio internacional intitulado *A imaginação do futuro. Saberes, experiências, alternativas*, que, em simultâneo, concretizou uma homenagem a Boaventura de Sousa Santos, seu fundador e diretor científico. De 7 a 10 de novembro passado, Coimbra recebeu investigadores/as e intelectuais nacionais e internacionais. O desafio? Promover um encontro científico de reflexão sobre o presente e o futuro da investigação nas ciências sociais e nas humanidades.

Durante o primeiro dia do colóquio decorreram diversas sessões paralelas na Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra. Um conjunto de comunicações e debates dedicadas a diversas áreas, como a arte, a educação, os direitos humanos ou as migrações. Foram vários/as os/as investigadores/as que, nesta iniciativa, apresentaram comunicações estruturadas com base nos contributos das *epistemologias do sul* e da *ecologia de saberes*. A interdisciplinaridade e as mais-valias de encarar as dinâmicas Sul-Norte e Norte-Sul marcaram, assim, as diversas sessões e abriram caminho às linhas de discussão planeadas para >>>

os restantes dias desta iniciativa científica.

Nos dias subsequentes, o colóquio rumou ao Auditório da Reitoria da Universidade de Coimbra. No dia 8 de novembro, durante a manhã, decorreu a conferência de abertura, por Françoise Vergès, intitulada *The Price We Pay to Be Humanised*. Durante a tarde, decorreu a sessão *O fazer das ciências*, que contou com as contribuições de Isabelle Stengers, Shiv Visvanathan e Hugh Lacey. O dia terminou com a apresentação do número especial da *Revista Crítica de Ciências Sociais*, dedicado aos seus 40 anos. A primeira sessão do dia 9 de novembro, *Pensar o contemporâneo*, contou com os contributos de Mogobe Ramose, Rajeev Bhargava e Susan George. Durante a tarde, decorreu o painel *Um outro mundo é possível*, que contou com a participação de Gustavo Esteva, Nilma Gomes e Ramón Grosfoguel, seguindo-se a conferência *The New Great Transformation and the Epistemologies of the South*, de Boaventura de Sousa Santos. No último dia do colóquio, decorreu a sessão *Encontros com Boaventura de Sousa Santos*, que contou com a presença de João César Castro Rocha, Nelson Maldonado-Torres, Peter de Souza e o próprio Boaventura de Sousa Santos.

Olhando atentamente para a dinâmica organizacional das sessões, apercebo-me de que a atribuição dos títulos para cada um dos painéis resulta numa síntese adequada do colóquio: discutiu-se como se faz ciência, como se pensa e

como se pode pensar o mundo e ainda como se olhou, se olha e se deverá olhar as dinâmicas Sul-Sul, Sul-Norte e Norte-Sul. Deste colóquio pode retirar-se também a conclusão de que analisar o contemporâneo, encarando os desafios do futuro e não alheando nenhuma comunidade do mundo, constitui-se como um desafio à investigação nas ciências sociais e nas humanidades na atualidade.

Agora já a caminho da celebração de meio século de existência, o CES tornou este encontro científico numa oportunidade para se refletir não apenas sobre a investigação que é produzida, mas também sobre a forma como se produz conhecimento, preservando a verdade da informação e tornando o conhecimento um bem público, que não se encerre na academia.

A este bem respeito, recorro as palavras de Boaventura de Sousa Santos, que clarificam a necessidade de constantemente pensar e repensar o mundo através das ciências sociais e das humanidades: “*Se não criarmos, ninguém nos cria*” [2].

[1] As datas e números aqui apresentados foram retirados do website oficial do Centro de Estudos Sociais, que pode ser acedido através do endereço <https://www.ces.uc.pt>.

[2] Excerto retirado da sua intervenção no espetáculo *Alice na cidade: Ciências Sociais, Rap e Mais*, que decorreu no dia 17 de junho de 2016, no Teatro Académico de Gil Vicente, em Coimbra. A intervenção completa está disponível em

www.youtube.com/watch?v=IMV2-8Ybmm0 ■



Foto: CES/Carlos Barradas

Sessão paralela do Colóquio realizada na FEUC

Uma técnica inovadora para um tema inovador

Pedro Saraiva

Doutorando em Sociologia da FEUC



Foto: Pixabay

Tendo iniciado funções como Bolseiro de Doutoramento FCT em outubro de 2018, tenho a oportunidade de estudar um fenómeno emergente nas nossas cidades e, por isso mesmo, ainda pouco explorado em termos de pesquisa: a experiência dos “Night Runners”. Trata-se de investigar a prática de corrida, no período noturno, pelas várias ruas das nossas cidades, evitando, dessa forma, os parques e jardins públicos. Aliás, este é um fenómeno que se tem vindo a manifestar em várias cidades de Portugal e também em algumas cidades de outros países europeus, como, por exemplo, Londres.

Além de procurar uma melhor compreensão sobre este fenómeno, e tendo presente o conceito de Henri Lefebvre, o “Direito à Cidade”, no qual todos nós enquanto cidadãos, temos direito a estar em espaços públicos urbanos e a usufruí-los, pretendo perceber a relação de quem corre à noite com todos os outros utilizadores desses mesmos espaços (peões, automobilistas, motociclistas, ciclistas, etc.) e detetar possíveis tensões e conflitos sobre a apropriação de espaços urbanos. Mas como é possível detetar isto?

Com um tema inovador, esta é uma oportunidade para trazer para a Sociologia uma técnica metodológica, igualmente inovadora. Falamos da vídeo-etnografia. Proveniente da Antropologia Social, através de Sarah Pink, esta é uma técnica que pressupõe a realização de uma etnografia, mas os registos da pesquisa não são feitos num diário de campo, mas sim através de vídeo. Isto significa que a ação a ser observada é registada via vídeo, para ser posteriormente analisada. Além disso, este procedimento permite que pormenores que não eram observáveis com uma mera observação participante possam ser detetados mais facilmente. Além da aplicação desta técnica, no meu estudo, observo diretamente as fases de aquecimento e alongamentos incluídas na prática dos “night runners”, de modo a elaborar registos complementares. Mas como e em que cidade aplicar a vídeo-etnografia?

Para responder a estas questões, selecionei um estudo de caso: a cidade de Coimbra e escolhi um grupo em particular para ser analisado, o “Night Runners Coimbra”. Este é um grupo criado por alunos da Licenciatura em Desporto e Lazer da Escola Superior de Educação de >>>

Coimbra, que se reúne todas as quartas-feiras, às 21h30, no Largo da Portagem, promovendo a prática de corrida por várias ruas da cidade. Devido a problemas de saúde com os quais me confronto, o meu orientador de tese, Professor Paulo Peixoto, tem corrido por mim, levando a câmara para fazer a gravação de todo o percurso realizado nas várias sessões deste grupo, ao mesmo tempo que grava todas as relações que os praticantes estabelecem com o espaço que percorrem, ao longo do trajeto. Apesar de ter experiência no trabalho de campo com outras técnicas (entrevistas, observação participante, inquéritos por questionário, etc.), é a primeira vez que lido com uma etnografia deste tipo, o que tem trazido alguns desafios, ainda antes de ir para o terreno, mas também à medida que vou desenvolvendo o trabalho em si. Para complementar esta técnica e de forma a definir os “night runners”, irão ser aplicados inquéritos por questionário e recorrer-se-á a uma netnografia, uma etnografia que analisa as páginas de Facebook do grupo em estudo e dos praticantes nas várias sessões.

O primeiro desafio com o qual me confrontei foi ajustar a câmara de vídeo às condições noturnas. Uma vez que o trabalho de campo é feito durante a noite e podendo a corrida implicar a passagem por espaços em que a iluminação é muito reduzida, foram vários os testes que tive de realizar com a câmara. Nomeadamente, tive de ajustar várias vezes a resolução desta última para gravar o melhor possível durante o período noturno. Uma vez que a câmara é transportada por uma cinta colocada na cabeça, também aqui tive de fazer vários testes, de forma a encontrar o melhor ângulo possível para o registo das práticas e interações a analisar na pesquisa.

Tendo já acompanhado algumas sessões de corrida do grupo em causa, posso afirmar que o trabalho de campo tem sido bastante mais facilitado do que inicialmente esperava. Uma vez que os dinamizadores das corridas sabem da nossa presença (minha e do meu orientador) nessas sessões e estão a par da investigação em curso, não tem havido resistência às gravações necessárias. Esta aceitação tem-se estendido aos outros praticantes, não tendo surgido qualquer comentário ou pedido no sentido de não se fazer algum registo filmado. Contudo, tem surgido uma dificuldade: quando as pessoas correm em locais sem iluminação, é mais difícil acompanhar a ação do grupo e perceber com o detalhe desejado o que vai ocorrendo. Este era um risco que esperava e que se tem confirmado. A solução encontrada passa por um reforço do diálogo com o meu orientador de tese. Uma vez que este último corre com o grupo, sempre que tenho dúvidas sobre determinados momentos da ação gravada, troco impressões com ele sobre essas dúvidas, o que me tem permitido dissipá-las.

Apesar de ainda estar praticamente no início de um trabalho de campo que se prevê bastante longo (cerca de um ano e meio), a experiência tem sido muito gratificante, uma vez que me tem permitido explorar uma nova técnica metodológica, mas igualmente ir ao encontro dos objetivos desta investigação: perceber quem são os “night runners” e por que se caracterizam dessa forma, bem como a sua relação com o espaço público urbano. Com este trabalho de campo, espero que surjam evidências de um novo fenómeno urbano que possa inaugurar novas linhas de investigação futuras na Sociologia. ■

A SOCIOLOGIA MEXE

Caminhos, Ruas, Estradas, Trajetos e Atalhos

CRETA, assim sintetizada, é uma organização que estamos a lançar para integrar a XXI Semana Cultural da UC, este ano subordinada ao tema “Caminhos”.

Trata-se de um conjunto de três sessões de discussão sobre os modos de usar e de imaginar espaços que “ligam” vários pontos.

Os sentidos desses percursos são variados e neles se cruzarão olhares da sociologia, da antropologia e da arquitetura.

Vai surgir informação detalhada em breve. Entretanto reserva os dias **4 e 5 de abril** próximos.

Imagina-te em Creta! A não perder. ■

Nova Secção Temática da Associação Portuguesa de Sociologia: Secção Sociedade Civil, Economias Alternativas, Voluntariado

Raquel Rego (ICS-ULisboa), **Sílvia Ferreira** (FEUC/CES), **Cristina Parente** (ISUP – FLUP)

Sob proposta de oito sócios da Associação Portuguesa de Sociologia foi aprovada no dia 18 de novembro de 2018, em Assembleia Geral, uma nova secção temática que visa dar visibilidade a uma área de estudo tratada por várias disciplinas das ciências sociais e humanas e onde a sociologia tem tido um papel proeminente.

Esta área tem vindo a ser designada de inúmeras formas que variam de acordo com contextos, as unidades de análise e enfoque analítico. Descreve o envolvimento dos indivíduos em sociedade, frequentemente de forma coletiva e mais ou menos organizada: organizações não-governamentais, organizações sem fins lucrativos, terceiro setor, economia social, economia solidária, economia popular e microempreendedorismo, empresas sociais, empreendedorismo social e coletivo, setor voluntário, militantes, ativistas, movimentos sociais, participação cívica...

Se, desde Alexis de Tocqueville, e a sua célebre viagem aos Estados Unidos, as associações são um campo de interesse para os sociólogos, é sobretudo nos anos 70 do século XX e posteriormente em fases de crise económica e de crise do sistema da democracia representativa que as formas alternativas de organização económica e participação cívica ganham impulso. A estruturação deste “setor” ocorre com a proliferação de organizações, a constituição de redes e corpos federativos, a atenção dos governos e o envolvimento dos académicos. A título de exemplo refira-se que, no início dos anos 70, nos Estados Unidos, surge a *ARNOVA - Association for Research on Nonprofit Organizations and Voluntary Action* e, em França, no ano 1986, estrutura-se a RECMA como *Revue des études coopératives, mutualistes et associatives*. Mais tarde, em alguns países da América Latina e do Sul da Europa, configuram-se movimentos e redes, frequentemente ligados à universidade, de fortalecimento de outras formas de fazer economia, nomeadamente a partir de 2002,

aquando da organização dos primeiros Fóruns Sociais Mundiais em Porto Alegre, Brasil.

A estruturação deste campo tem sido acompanhada pelo interesse científico, traduzido no aumento de investigação, publicações e associações multidisciplinares de investigadores/as. A atenção sociológica ao setor não lucrativo nota o significativo crescimento destas organizações desde meados do século XX, justificando-se um maior interesse por parte da sociologia (DiMaggio e Anheier 1990).

As abordagens sociológicas ao setor não lucrativo, sobretudo nos EUA, têm sido enformadas pelas teorias neo-institucionalistas, os estudos organizacionais e teorias sobre capital social e participação (Sager 2009), focando contextos, instituições, normas e valores, em alternativa às abordagens da escolha racional. O enfoque na ação tem sido explorado, por exemplo, a partir das teorias dos campos (Barman 2016). Na Europa há uma importante tradição do estudo do associativismo e das associações (Meister, 1972; Laville e Sainsaulieu, 1997) e, desde Weber, há uma sociologia económica que enquadra os conceitos de economia social e de economia solidária com ênfase no encastramento da economia (Bidet 2009). Parsons, que perspetivava nas organizações voluntárias a função de integração, inspira a ideia de um setor específico e a *Gesellschaft* de Tonnies, ou a solidariedade, em Durkheim, contribuem para a ideia de um setor da sociedade civil.

Em Portugal, vemos também desabrochar no último quarto do século XX, organizações, grupos e mobilizações mais ou menos espontâneas, estimuladas ainda pelo contexto da Revolução que pôs fim à ditadura, assim como alguns estudos nas emergentes ciências sociais. Mas só mais tarde é que podemos dizer que o campo se impõe, quer porque proliferam associações, grupos informais e movimentos sociais quer porque surge uma oferta formativa significativa, quer por haver uma massa crítica crescente de pessoas que se dedica de forma mais ou menos sistemática ao seu estudo.

A heterogeneidade deste campo de estudo é>>>>

Margarida Augusto

Estudante do Mestrado em Sociologia / FEUC

uma das causas da sua lenta afirmação. Trata-se de um campo multidisciplinar e transdisciplinar, pois também economistas, politólogos/as e muitos outros/as se têm debruçado sobre ele. O enfoque nestes conceitos atravessa fronteiras disciplinares, e muitos dos seus objetos de estudo são tratados em vários ramos da sociologia, mas é indubitável que a sociologia tem tido um papel central no estudo destes conceitos e realidades empíricas.

Ao longo dos anos, profissionais, investigadores/as e professores/as desta área têm encontrado na APS um espaço para apresentar o seu trabalho e discutir as suas práticas, enquadrados/as em várias áreas temáticas. Ao criar este espaço especializado de debate na APS, estamos em crer que contribuiremos, ainda que modestamente, para a afirmação da sociologia e para o crescimento da APS.

Para um primeiro mandato desta Secção propõe-se, essencialmente, promover a troca dentro da estrutura já existente na APS, promover parcerias, eventos e uma primeira produção conjunta no final do período. Assim, o primeiro passo será dado pela adesão dos sócios da APS a esta secção, cujo primeiro papel será o de fixar a denominação da secção, dado que a existente é ainda provisória. ■

Nota:

Parte deste texto recupera a apresentação disponível no site da APS, onde poderá saber mais informações (<https://aps.pt>)

Referências

- Bidet, Eric 2010. "Social Economy". In Helmut K. Anheier e Stefan Toepler (Eds.), *International Encyclopedia of Civil Society*. New York: Springer, pp. 1405–1410.
- DiMaggio, Paul J., & Anheier, Helmut K. (1990). "The sociology of nonprofit organizations and sectors". *Annual Review of Sociology*, 16(1), 137–159.
- Laville, Jean-Louis, e Sainsaulieu, Renaud (1997) *Sociologie de l'association: des organisations à l'épreuve du changement social*. Paris: Desclée de Brouwer.
- Meister, Albert (1972) *Vers une sociologie des associations*. Paris: Les Editions Ouvrières.
- Sager, Rebecca (2010) "Theories of nonprofit sector, sociological". In Helmut K. Anheier e Stefan Toepler (Eds.), *International Encyclopedia of Civil Society*. New York: Springer, pp. 1537–1543.



O projeto do Jornal *ComTextos* surgiu no final do primeiro semestre do ano letivo 2017/2018, através de uma proposta do meu colega Pedro Fidalgo, que se tornaria, aliás, no seu coordenador. Abrimos as vagas para se entrar na equipa e promovemos um workshop de jornalismo, dado por Elsa Margarida Rodrigues e Marta Lopes, para que pudéssemos ter as bases fundamentais para

escrever de forma jornalística. Conseguimos, deste modo, construir uma equipa motivada e dedicada onde a partilha de ideias e pontos de vista foi uma constante. Para chegarmos ao título do jornal, tivemos que passar por um processo moroso de *brainstorming*. Acabámos por decidir, de forma quase unânime, segundo a sugestão de Dinis Nunes, *ComTextos*.

A primeira edição, que, em princípio, será lançada em fevereiro de 2019, tem como tema *core* "O que é a sociologia?". Para tentarmos responder a esta questão, decidimos começar por incluir algumas opiniões de cidadãos de Coimbra. Os trabalhos de recolha foram feitos pelas estudantes Inês Faria, Joana Salgado, Lúcia Santos e Rita Simão. Incluímos também um artigo escrito pelo Professor João Teixeira Lopes, Presidente da Associação Portuguesa de Sociologia, e um do Professor Carlos Fortuna, docente da FEUC, mas também uma entrevista à Secretária de Estado para a Cidadania e Igualdade, Rosa Monteiro. Esta entrevista foi conduzida por Beatriz Matias e Pedro Fidalgo, mas as perguntas foram desenvolvidas durante uma reunião com os contributos de todos os presentes.

Inspirados pelo ensaio fotográfico da edição de 2018 da *prisma.soc*, decidimos incluir um ensaio fotográfico que procurasse responder à questão "Onde anda a Sociologia?". Neste ensaio, podem encontrar-se fotografias da autoria de Beatriz Matias, Beatriz Ribeiro, Lúcia Santos, Margarida Augusto e Pedro Fidalgo. Nas últimas páginas do jornal, podemos encontrar um cantinho de sugestões culturais, da autoria de Beatriz Matias.

Despertada a curiosidade, esperamos que esta primeira edição esgote rapidamente e, acima de tudo, apelamos aos mais jovens estudantes da FEUC para que deem continuidade a um projeto que leve a Faculdade à comunidade e traga a comunidade à Faculdade. ■

SOCIONET

Priscila Freire

Doutoranda em Sociologia /FEUC

As sugestões de navegação pelos espaços virtuais para estudos e pesquisas em perspectivas sociológicas trazem um pequeno percurso sobre as questões de gênero, estudos de mulheres e feminismos.

No intuito de contribuir com a difusão dessa área de pesquisa desde o olhar sociológico e de despertar o interesse para essas temáticas, os sites e blogs aqui apresentados possibilitam aceder em um campo diverso de produção e interesses científicos contemporâneos em estudos de gênero.

Produções científicas, centros de pesquisas, resultados de investigação, revistas especializadas, etc., desde a crítica feminista, têm demonstrado uma importante área na Sociologia para uma leitura problematizadora da sociedade também pela necessária lente do gênero. Seguem aqui algumas dicas de interesse acadêmico as quais espero que gostem.

GELEDÉS Instituto da Mulher Negra

<https://www.geledes.org.br> é um site que reúne produções de pesquisa, artigos, projetos, notícias e informações sobre a questão racial e de gênero no contexto brasileiro. O site apresenta uma rica e ampla crítica de questões atuais da sociedade brasileira e algumas traduções para a língua portuguesa que ajudam na difusão de conhecimento sobre a temática de gênero e raça produzida em outras línguas.

Centro de Investigaciones y Estudios Sociológicos

<http://estudiossociologicos.org/portal> é um portal em língua espanhola que apresenta publicações, notícias, pesquisas do campo especializado da Sociologia desde os olhares da América Latina. Com uma equipe de profissionais de diferentes países do sul global possibilita um espaço de discussão e reflexão crítica da sociedade no contexto latino americano entre outras contribuições de problematizações sociológicas.

O blog Marxismo 21

<https://marxismo21.org> é um espaço rico de divulgação da produção teórica marxista no Brasil, reúne dossiês, livros, teses/dissertações,

revistas, resenhas e as diversas formas em que o pensamento marxista continua “vivilho da silva” para uma compreensão crítica da sociedade capitalista contemporânea. Ainda mais no contexto do Brasil atual em que a onda fascista ameaça inclusive o direito do exercício do pensamento crítico. Destaco que o blog tem uma área dedicada ao “Marxismo e o Feminismo”, o que demonstra que é aberto para os desafios teóricos mais difíceis e necessários da nossa contemporaneidade.

ATGENDER – The European Association for Gender Research, Education and Documentation

<https://atgender.eu> é um site que traz publicações acadêmicas, notícias, informações sobre eventos, etc. com o foco nas questões de gênero, feminismos, LGBT, diversidade, entre outros interesses diretamente voltados para essas temáticas. Esse é um espaço virtual que possibilita conhecer vários institutos e centros de pesquisas em diferentes países da Europa em estudos de gênero e feminismos, é desse modo um ótimo espaço virtual inclusive para fomentar interesses de intercâmbios em importantes universidades do espaço europeu.

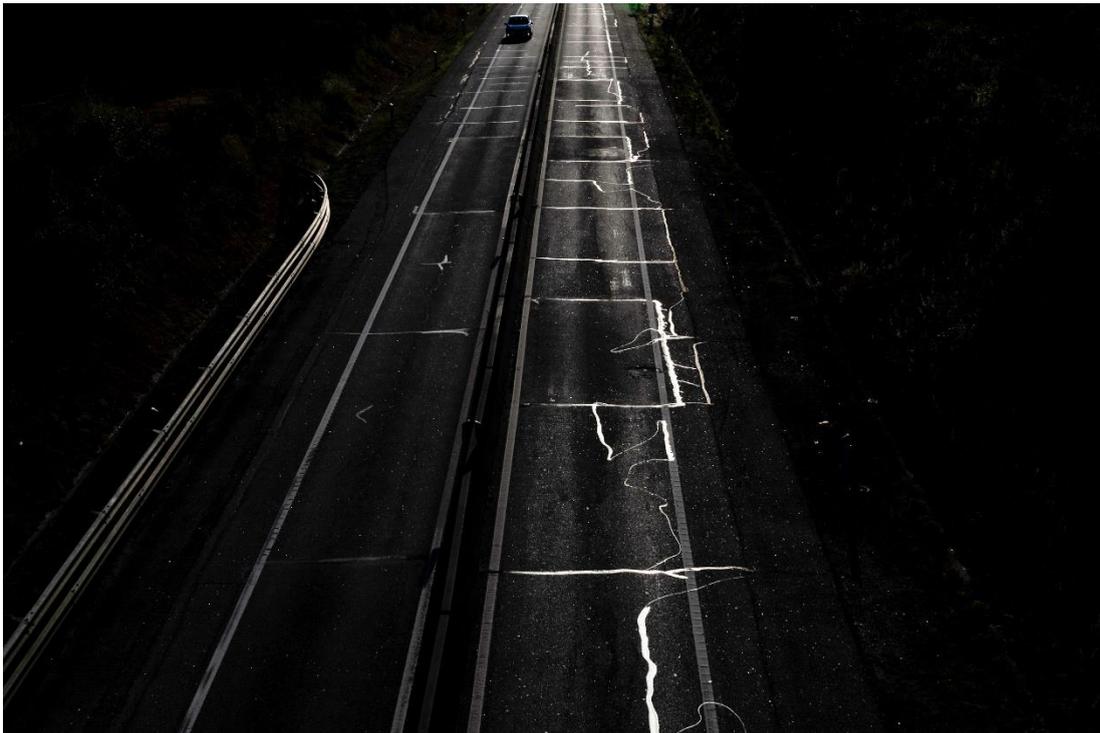
Centro Interdisciplinar de Estudos de Género do Instituto de Ciências Sociais e Políticas da Universidade de Lisboa

<http://cieg.iscsp.ulisboa.pt> é um espaço virtual que apresenta e divulga pesquisas, eventos e demais notícias sobre estudos de gênero em diferentes perspectivas e disciplinas, tem a colaboração de pesquisadoras/es de várias universidades nacionais e internacionais. É um espaço que proporciona o conhecimento nos estudos e pesquisas no campo temático das questões de gênero com resultados de pesquisas em Portugal e outros países.

Gênero e número

<http://www.generonumero.media> é um site de produção jornalística criado no Brasil por três jornalistas mulheres que apostam na importância da mídia alternativa. O site difunde dados e pesquisas nacionais e internacionais sobre a temática de gênero e questões diretamente relacionadas que possibilitam informação crítica e problematizadora. O espaço de mídia virtual tem por objetivo dar visibilidade ao debate sobre a equidade de gênero. As informações que apresenta são muito úteis para iniciar um interesse de pesquisa e obter dados de gênero de fontes oficiais. ■

Nacional Um



Carlos Barradas

Doutorando em Governação, Conhecimento e Inovação da FEUC/CES

Unindo as duas principais cidades portuguesas (Lisboa e Porto) a Nacional Um foi, durante várias décadas, a mais importante estrada portuguesa. Apesar da valorização da rapidez das vias de comunicação (quer físicas, como as auto-estradas, quer virtuais), a Nacional Um resiste à perda de protagonismo (com um aumento do fluxo rodoviário durante o período de austeridade, por exemplo) e constitui ainda um local de passagem tão crucial como intrigante, na medida em que alberga uma memória específica e peculiar de um Portugal desorganizado e rural. Sempre à noite, e para lá da beira da estrada, um sentimento entre o abandono e uma vida ulterior subsiste. Circulam outros vultos e criaturas. A Nacional Um é um lugar estranho para se estar, e viajar. ■



www.barradascarlos.com



Fotos: Carlos Barradas



Fotos: Carlos Barradas



Implementação de planos para a igualdade de género em instituições de ensino superior/investigação

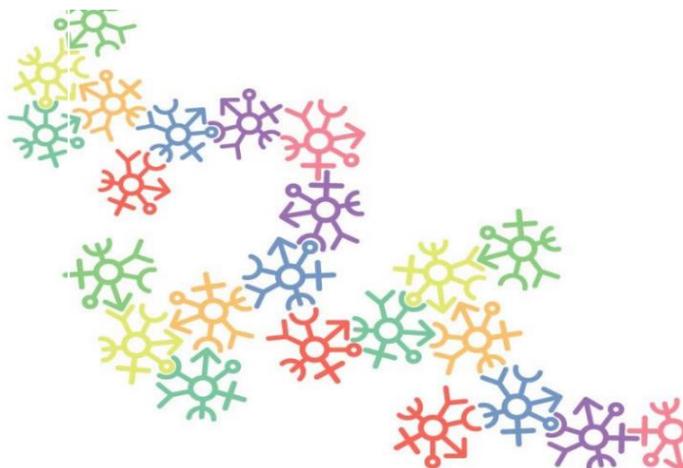
Equipa CES/UC do Projeto SUPERA

O Projeto SUPERA |Apoiando a promoção da igualdade na Investigação e Academia visa combater as desigualdades entre mulheres e homens no mundo académico através da implementação de planos de ação para a igualdade de género em entidades do sistema científico europeias.

Com financiamento atribuído no âmbito do programa-quadro de investigação e inovação da União Europeia (H2020), o consórcio SUPERA integra, além do CES/Universidade de Coimbra, cinco universidades/instituições de investigação científica e organismos de financiamento do sistema científico de diversos países da Europa Central e do Sul.

A necessidade de criar mecanismos para a promoção da igualdade de género no seio do espaço europeu de investigação decorre do reconhecimento de um problema que se prende com a persistência de estereótipos e enviesamentos de género e com a ausência da perspetiva da igualdade nas instituições académicas europeias, e que se encontra refletido nas desigualdades entre mulheres e homens a diferentes níveis, nomeadamente na progressão na carreira, na tomada de decisões e nos programas de investigação e conteúdos educativos.

Embora se associe o ensino superior a um meio em que a progressão nas carreiras se faz com base no mérito, essa neutralidade absoluta não existe: as universidades reproduzem valores sociais que levam às desigualdades. Por outro lado, a forma como o conhecimento científico é produzido, aplicado e difundido para a sociedade não é alheia ao sistema global e estrutural que produz (e reproduz) desigualdades de género, com base na organização de homens e mulheres em papéis hierarquicamente diferentes. Prevalcem mecanismos de segregação – frequentemente invisíveis



ou inconscientes - e profundas assimetrias. Por exemplo, apesar de as mulheres constituírem a maioria dos doutorados na maior parte dos países da UE, elas estão sub-representadas na profissão da investigação, na categoria de topo da carreira académica e na chefia das instituições de ensino superior. Além disso, a integração de temáticas associadas ao género nos planos curriculares e linhas de investigação é ainda muito limitada, permanecendo acantonada em nichos de especialização.

Entendendo as desigualdades de género no mundo académico enquanto fenómeno estrutural, transversal, complexo e multidimensional, o projeto visa contribuir para a integração da dimensão de género nas políticas e práticas dos parceiros de implementação - onde se inclui a Universidade de Coimbra - em quatro áreas-chave: (1) Recrutamento, retenção e progressão na carreira; (2) Liderança e tomada de decisão; (3) Dimensão de género na investigação e conteúdos educativos; e (4) Preconceitos/estereótipos de género e assédio sexual.

Para isso, o projeto articula o diagnóstico/investigação sobre a situação das instituições, em termos de igualdade de género, com a ação/mudança, através da implementação de planos de melhoria para a integração da dimensão de género nas entidades científicas. Encontra-se estruturado em três fases. Na primeira fase, de planeamento, é definida uma estratégia e plano de trabalho para a integração da perspetiva de género em cada organização, no contexto de sua estrutura específica, modo de funcionamento e cultura organizacional. Na segunda, cada parceiro irá conceber e implementar planos de melhoria para a integração da dimensão de género em cada uma das áreas de ação-chave. Por fim, na fase da avaliação, será feita a análise

dos progressos alcançados a partir de metas quantitativas e indicadores qualitativos.

O SUPERA propõe uma abordagem holística e colaborativa para a implementação dos planos, através de metodologias de transformação e cocriação inspiradas no *design thinking*. Assim, recorrer-se-á a estruturas de implementação inovadoras: Hubs de igualdade de género e Fabs labs. Enquanto os Hubs envolverão todas as partes interessadas nas instituições académicas/de investigação em torno da implementação no dia-a-dia dos planos para a igualdade, os Fab labs reunirão, numa base *ad hoc*, especialistas e partes interessadas internos com especialistas e/ou consultores externos com o objetivo de conceber soluções inovadoras para os problemas identificados. O objetivo de ambas as estruturas é não só de projetar ações efetivas e fomentar a apropriação das mudanças propostas e o seu alcance, mas também aumentar a responsabiliza-

ção sobre os objetivos estabelecidos.

O desenvolvimento destas estruturas inovadoras de *mainstreaming* de género, a produção de guias orientadores e de boas práticas, bem como a promoção de medidas de formação, contribuirão para a sustentabilidade a longo prazo de todas as iniciativas do projeto em cenários futuros no âmbito académico e de investigação, assim como para maximizar o alcance das ações dos planos para a igualdade de género elaborados.

Espera-se que a promoção de ações para a igualdade de género efetivas, bem como a partilha de experiências e *expertise* entre organizações, parceiros, e com especialistas e partes interessadas, tenham um impacto positivo no sentido de alcançar a igualdade de género no Espaço Europeu da Investigação a médio e longo prazo. ■

VAIVÉM

Uma experiência *transfronteiras*

Gabriela Cáceres Ojeda Freitas

Estudante do Curso Integrado Coimbra/Bordéus (FEUC/*Sciences Po* Bordeaux)

Ingressar no Ensino Superior é uma experiência marcante na vida de todos nós e essa fase traz aprendizados que vão muito além da vida académica. Quando a nova etapa vem acompanhada da mudança de país, o desafio é dobrado. Estar a um oceano de distância da sua zona de conforto é uma tarefa que requer ousadia, coragem e capacidade de se desenrascar.

Assim como inúmeros outros jovens da minha idade, ao fim do secundário, deparei-me com a complexa decisão de escolher um curso e uma universidade. Escolhi fazer Sociologia na Universidade de Coimbra porque gostaria de passar pela experiência de morar no estrangeiro e pelas oportunidades que a Universidade oferece, tais como a possibilidade de fazer um menor em outro curso da FEUC, o Programa Integrado Coimbra-Bordéus, o corpo docente com nomes de peso e a existência de uma bolsa de mérito que poderia isentar-me das propinas. Candidatei-me, fui aceita, consegui a bolsa e embarquei do Brasil rumo a Portugal com o novo desafio.

Já em terras lusas, meu ano de caloiria não poderia ter sido mais enriquecedor. Lançar-me a essa aventura significou uma ruptura imensurável; ter contato com pessoas das mais diversas origens e vivências fez com que eu repensasse muitos dos valores que tinha até então. Além disso, gerir uma casa, lidar com as burocracias, assumir as responsabilidades da vida adulta, tudo isso são questões que impreterivelmente teriam de ser resolvidas por mim e por ninguém mais. Todas as dificuldades pelas quais passei nos primeiros meses de estada fizeram-me evoluir enormemente. Ademais, estava extremamente satisfeita com o curso e tinha uma boa relação com os colegas. Um outro aspecto que me encanta sobre a vida na Cidade dos Estudantes refere-se às tradições. Desde o laço madrinha-afilhada que se fortalece cada vez mais,

fazendo com que tenhamos uma verdadeira família, aos festejos da Latada e da Queima das Fitas, Coimbra é única!

Ao longo do primeiro ano da Licenciatura, eu e todos os outros candidatos tivemos uma preparação intensiva para o exame de francês que decidiria quem participaria do Programa Integrado. Obtive o nível de proficiência exigido e parti rumo a outra aventura: Bordéus, a capital francesa dos vinhos. Mas nem só de vinho se vive em Bordéus! O renomado Instituto de Estudos Políticos, também conhecido como *Sciences Po*, exige trabalho duro. Também pudera, por lá passaram grandes líderes, principalmente da política francesa. Além do acelerado ritmo de trabalho, a adaptação a uma nova cultura e a ter de fazer tudo em outro idioma não é fácil. Ainda assim, sinto que todo o esforço vale a pena, não só pelo duplo diploma mas também pelo aprendizado, tanto em termos de conteúdos quanto em habilidades que desenvolvemos, como o pensamento crítico, a eficiente administração do tempo, o trabalho em equipe e a inteligência emocional.

Enfim, definitivamente estudar em Coimbra e estudar em Bordéus oferece experiências diferentes, mas igualmente fundamentais para o amadurecimento pessoal e intelectual. Enquanto na primeira cidade eu tinha mais tempo para explorar meus interesses de maneira geral, na segunda, preciso dedicar-me quase que exclusivamente à faculdade. Coimbra tem eventos interessantes, mas Bordéus é culturalmente muito mais vibrante. Creio que independentemente de estar em Portugal ou estar na França, é preciso saber aproveitar todas as oportunidades que nos levem a crescer, até porque viver em outro país nos faz ressignificar diariamente tudo o que, até então, pensávamos saber. ■

Regime parcial, uma forma alternativa de fazer doutoramento

Célia Rodrigues

Doutoranda em Sociologia da FEUC

Resolvi finalmente candidatar-me a doutoramento. Após algumas pesquisas, entendi que deveria continuar na Sociologia e desta vez optar pela Universidade de Coimbra.

No dia da receção aos doutorandos em Sociologia, tive consciência que este meu novo desafio não seria fácil, exigiria da minha parte, mais do que motivação, dedicação e determinação. A viagem de regresso a Leiria foi preenchida de muitas questões, muita reflexão. Tomei consciência de que tenho uma atividade profissional muito preenchida. Tenho família... resido a 80 Km de Coimbra... E agora? Como vou gerir o meu tempo da melhor forma?

A Universidade de Coimbra tem a resposta, frequência em regime parcial, e assim estou convicta de que é possível conciliar estudo/família/trabalho. Uma alternativa para gerir tempo e dinheiro, na medida em que:

“Tipicamente, devem inscrever-se a tempo parcial os estudantes que, por qualquer razão (por exemplo por serem trabalhadores-estudantes) não conseguem progredir nos seus estudos à mesma velocidade dos estudantes a tempo inteiro, ficando assim com o dobro do tempo para completar o curso, com um custo anual mais baixo.” (informação sobre “Inscrição a tempo parcial da Universidade de Coimbra disponível em:

https://www.uc.pt/academicos/inscricoes/tempo_parcial)

A opção pelo regime de tempo parcial está condicionada, no ano letivo, à inscrição num número de unidades curriculares inferior ou igual a 30 ECTS e, no semestre, inferior ou igual a 15 ECTS. No primeiro caso, o estudante em regime de tempo parcial paga 60% do valor da propina anual do curso. No segundo caso, referente à inscrição num só semestre, paga 30% da mencionada propina. (Para mais informações, consulte também:

https://www.uc.pt/academicos/inscricoes/tempo_parcial_phd)

Com esta opção acumulo vantagens e posso fazer o meu percurso enquanto trabalhadora estudante com a mesma dedicação e determinação que exige um doutoramento, a

um ritmo mais adequado e assertivo face ao meu estatuto. Esta escolha foi igualmente bem recebida pela minha entidade empregadora, na medida em que não necessitarei de me ausentar por períodos prolongados de tempo (no meu caso, isto corresponde apenas a usufruir de três horas semanais ao abrigo do estatuto de trabalhador-estudante).

A decisão de me candidatar a doutoramento surgiu da necessidade de aprofundar conhecimentos, validar cientificamente a minha atividade profissional, ir além da normatividade, reforçada pela curiosidade em investigar os atuais contextos socioeconómicos e potenciais estratégias de desenvolvimento assentes nas políticas locais. Entendo que, neste domínio, a Sociologia proporciona um vasto conhecimento a potenciar e explorar.

Em 1993, sem saber ao certo a razão da minha escolha, resolvi ingressar na licenciatura em Sociologia. Tinha a convicção de que poderia ajudar a “mudar o mundo”, como qualquer jovem de 18 anos envolvida em movimentos juvenis e juventudes partidárias. Queria perceber o mundo, a sociedade que me rodeava e poder contribuir para a construção de algo diferente e melhor. Foi assim que a Sociologia surgiu na minha vida como a ciência que poderia concretizar o meu sonho, a olhar a sociedade, percebê-la e agir. Percorridos os cinco anos da licenciatura... e agora? Estou preparada para quê? Decorria o ano de 1998 e as pessoas perguntavam-me: Estudaste o quê? Sociologia? Serve para quê?

Muitas das incertezas foram deixando de existir, quando, em 1999, ingressei no mercado de trabalho, como estagiária na área da Sociologia, num Município. Com o passar do tempo vou percebendo que a Sociologia foi uma escolha assertiva. A integração de uma socióloga numa equipa multidisciplinar é uma mais-valia: está apta a trabalhar com engenheiros, arquitetos, docentes, outros técnicos, tem as ferramentas necessárias para questionar e refletir sobre as práticas e ações. Num percurso de 20 anos, fui percebendo que é possível articular a teoria e a ação, a pesquisa e a intervenção. Em suma, estamos preparados para trabalhar uma diversidade de problemáticas, diferentes >>>

perspetivas, aptos para a negociação e mediação em processos de intervenção articulada e integrada entre vários parceiros e atores com diferentes perspetivas. Desde que ingressei no mercado de trabalho, o meu percurso esteve sempre associado à educação, desenvolvimento local, ensino e formação.

Em 2002, percebi que necessitava de mais ferramentas, de mais conhecimento e foi então que passei a frequentar o mestrado em Planeamento e Avaliação de Processos de Desenvolvimento, também ele com uma forte componente sociológica. Na altura, para além de gerir alguns projetos pedagógicos no então denominado Gabinete de Animação Pedagógica, fui desafiada a liderar a equipa para a construção da primeira Carta Educativa do Município onde trabalhava. Permaneci ao longo dos anos na Divisão de Educação, como técnica responsável pela gestão e planeamento educativo, pelo Conselho Municipal de Educação e mais recentemente como coordenadora do Projeto Educativo Municipal. O meu trabalho implica apoio aos decisores políticos (vereador), atualização, tratamento e gestão de dados, acompanhamento das políticas sociais e educati-

vas a nível local e nacional, gestão e negociação de projetos e ações que envolvam a comunidade educativa (sejam eles docentes, dirigentes, pais, auxiliares ou outros). Paralelamente acumulo funções como assistente convidada no Instituto Politécnico, na licenciatura em Educação Social.

Em 2017, fui desafiada a escrever sobre a minha prática profissional, enquanto socióloga a trabalhar na educação, num município (veja-se: <https://journalsocedu.wordpress.com/sociologo-da-educacao-num-municipio>)

Confesso que foi um exercício de reflexão interessante e o ponto crucial para tomar a decisão que há muito tempo dormitava na minha mente, fruto da incerteza que muitas vezes partilhei com colegas investigadores sobre o facto de estar a exercer funções no terreno e com fraca ligação à academia (apenas como docente). Estou convicta de que a Sociologia continua a ser o meu foco. Termino com Wright Mills e o conceito de “imaginação sociológica” que implica abstrairmo-nos das rotinas da vida quotidiana de maneira a poder olhá-la de forma diferente. ■

VAIVÉM

Estudar em Coimbra

Valnete Freitas

Doutoranda em Sociologia – Relações de Trabalho, Desigualdades Sociais e Sindicalismo / FEUC-CES

Estudar na Universidade de Coimbra, apesar de ser um sonho desde sempre, foi algo que surgiu circunstancialmente, depois de estar mais de 20 anos no mercado de trabalho, e não ser professora, como auditora federal do trabalho. Mas eis que a vida é feita de caixinhas de surpresa...

A alteração da legislação trabalhista no Brasil, que entrou em vigor em 11/11/2017, trouxe transformações na tutela do Estado sobre as relações laborais e, de forma mais efetiva, na relação com os sindicatos. Diante disto, passei a procurar um curso que desse continuidade à minha especialização em Economia do trabalho e sindicalismo, do Cesit-Unicamp, e que tivesse o viés de ver o trabalho como forma de trazer dignidade, respeito e valorização do ser humano, com os valores e princípios da Constituição Federal de 88 e de trabalho digno, da agenda 2030 da OIT. Encontrei o curso de doutoramento em Sociologia – Relações de Trabalho, Desigualdades Sociais e Sindicalismo da FEUC/CES, que, no seu programa, apontava para aquilo que eu almejava.

A partir daí, começa o desafio de ser aceita no programa de doutoramento. Apresentei o projeto, tendo como tema o impacto da reforma trabalhista de 2017 e seus reflexos na auditoria fiscal do trabalho no Brasil. Semanas depois tive o resultado, sendo aceita. Começa outra maratona: obter o visto de estudante, concedido pelo Consulado português; as exigências são muitas e a demanda muito grande, sendo extremamente extenuante para mim, cuja cidade não tem Consulado, tendo que me deslocar a mais de 500km, por duas vezes, para obtê-lo. Mas consegui e, no dia 17 de setembro de

2018, estava desembarcando em Lisboa, rumo a Coimbra, cheia de expectativas, em busca de conhecimentos e quem sabe uma nova perspectiva de vida, um novo universo. As primeiras semanas foram um verdadeiro sonho, se respirava conhecimento o tempo todo. No entanto, os desafios são enormes: logo que cheguei, considerava impossível entender o que as pessoas falavam, pois o som emitido quase sempre tem sonoridade fechada, as vogais são muito pouco expressadas, diferente da nossa pronúncia brasileira, o que dificultava o entendimento, mas com o tempo vai se tornando mais distinguível. O desafio seguinte, ou concomitante, foi a questão de moradia. Por aqui os espaços são minúsculos e caros. Outra dificuldade diz respeito à questão da demora em agendar no SEF para obter o visto de residência.

O grande desafio que foi para mim, e acredito ser para todos os brasileiros, é o de custear as despesas em euro, recebendo em real. Tudo era basicamente cinco vezes mais caro do que se o consumo fosse pago em reais. Tendo em vista que mantenho uma estrutura de moradia, saúde, educação, transportes e etc. para os dois filhos no Brasil, tudo se torna mais complicado e dispendioso. Na terceira semana, tive um acidente e tive o privilégio, se assim podemos falar, de utilizar o PB4, o sistema de assistência à saúde de Portugal. Fui atendida no hospital universitário que prestou toda a assistência necessária da melhor forma possível.

A recepção aos doutorandos pela FEUC/CES e pelos coordenadores e professores, em especial os doutores Elísio Estanque e Hermes Costa, sempre sensíveis às nossas mazelas e ansiedades, merece o meu muito obrigado!

Independente do que ocorra no universo do meu trabalho, e do meu país, seguirei em frente, podendo me aprofundar com mais afinco a conhecer a universidade e a cidade de Coimbra, que, para mim, ainda guardam tantos mistérios, nos seus bosques, casarios, literatura, fado, violas, festunas, repúblicas, e na sua história secular. Obrigada a este país tão próximo e, ao mesmo tempo, tão distante nos seus hábitos e costumes, e que muito me fascina. ■

A 4ª transformação mexicana chegou à ciência

Irina Castro

Doutoranda em Governança, Conhecimento e Inovação (Ramo Sociologia) da FEUC/CES

A 4ª transformação mexicana é o mote do projeto político do presidente Andrés Manuel López Obrador, também conhecido como AMLO. Para AMLO, a 4ª transformação representa um momento de viragem política e social, face ao que tem sido até hoje a política neoliberal implementada sucessivamente pelos governos do PRI e do PAN^[1]. Uma viragem apenas antecedida, segundo o presidente, por três momentos históricos que marcaram de forma estrutural a história deste país: a Independência do colonialismo espanhol (1810-1821), a Reforma (1858-1861) e a Revolução (1910-1917). A 4ª transformação vem, assim, e nas aspirações de AMLO, aprofundar o projeto político do movimento MORENA (Movimento Regeneração Nacional) que procura a reconstrução do Estado Mexicano, degradado por décadas de violência e corrupção estrutural, guerra suja, e neoliberalismo extrativista e predatório do trabalho e da natureza.

Um dos setores do Estado que sofrerá profundas transformações será o do sistema científico e tecnológico (C&T). Enquanto setor estratégico da economia e da cultura, a política científica mexicana tem, e de acordo com a OCDE, estado aquém dos seus próprios objetivos, tendo-se tornado num setor obscuro e incapaz de responder ao crescente incremento das desigualdades estruturais. À sua incapacidade de fazer a diferença económica e social juntam-se problemas organizativos e do foro burocrático do principal promotor da política científica, a Comissão Nacional para a Ciência e Tecnologia (Conacyt). A 4ª transformação procurará assim também ao nível da política científica reestruturar as instituições responsáveis pela sua determinação e implementação.

Uma ciência comprometida com a sociedade e o ambiente

“Uma ciência comprometida com a sociedade e o ambiente” não é apenas o título da próxima política científica mexicana; é um projeto político que procura responder às ambições da 4ª transformação, na salvaguarda da soberania

nacional e de uma produção de conhecimentos orientada para os problemas sociais, ambientais, de exclusão e violência.

É difícil neste espaço descrever todo o processo de transformação proposto no projeto político para C&T, mas vale a pena destacar, no entanto, três pontos fundamentais.

O primeiro desses pontos prende-se com a (re)centralização das Ciências Sociais e Humanidades (CSH) no seio da nova política científica. Após anos de desinvestimento, surge um compromisso político que procura não apenas impulsionar as CSH, mas também recentrar estas últimas enquanto pilar da construção de uma política científica nacional. O objetivo é valorizar as contribuições das CSH nas reflexões, interrogações e diálogos críticos, éticos, estéticos e epistemológicos do desenvolvimento da C&T. A nova política procura assim fugir das lógicas neoliberais da produção de valor, reorientando o processo de criação de conhecimentos para a construção de um valor conexo com a realidade pluricultural do país, e onde os interesses públicos e comunitários se priorizam frente aos interesses corporativos-privados. O primeiro passo, ainda que simbólico, já foi dado. A Conacyt passa, sob direção de Elena Álvarez-Buylla, a designar-se por Conselho Nacional das Humanidades, Ciência e Tecnologia (Conahcyt).

O segundo aspeto a destacar prende-se com o sentido da capacidade de resposta do sistema científico aos problemas complexos, como os sociais e ambientais. Donna Haraway e Karen Barad designam este processo de resposta como “response-ability”, que, no caso concreto do novo projeto político, se materializa na implementação do princípio da precaução ao nível do desenho dos projetos. Se, em Portugal, orientamos os projetos para a Agenda 2030, no México, inaugura-se um sentido de “responsabilidade” implementado na fase mais embrionária da investigação, as candidaturas. O projeto político procura, assim, que o princípio da precaução oriente a inovação de forma a beneficiar as sociedades e o ambiente, contrariando as vozes que defendem que o princípio atua no sentido contrário do impulso da inovação.

O terceiro e último aspeto prende-se com o combate às formas produtivistas de avaliar a atividade científica. É claro no projeto da nova diretora que o atual sistema de avaliação baseado em métricas quantitativas apenas serve interesses produtivistas, enchendo o sistema científico de contradições que agravam tanto a qualidade e eficácia dos conhecimentos produzidos, como as condições laborais dos/as investigadores/as. A nova política procurará assim avaliar de forma clara e transparente a relevância dos conhecimentos através da sua qualidade invés de quantidade, promovendo formas de construção curricular alternativas e procurando critérios de avaliação que tenham em conta as múltiplas perspetivas disciplinares.

O CUDOS^[2] mexicano e as condições para a sua execução

A utopia de Merton parece ganhar forma perante o projeto político para C&T que se procura implementar durante o próximo sexénio no México. Chamo-lhe utopia, pois as atuais condições de produção de conhecimento resultam em contradições profundas que impedem o sistema científico de ser a forma legítima de produção de saberes. No entanto, a busca desta utopia mertoniana permite a construção de um sistema político comprometido com a redução da violência, pois, ao recentrar a atividade científica para o público e o comunitário, a nova política procura combater a violência gerada por conhecimentos, e investigadores/as, em competição por poucos recursos já pré-orientados por fatores externos ao sistema científico. Este é, aliás, um dos aspetos mais desafiadores da proposta política em curso e, apesar de não ser completamente clara a sua forma, o projeto implica um plano-compromisso de avaliação transparente e contínuo da Conahcyt. Só assim, acreditam as/os promotoras/es desta transformação, será possível fazer frente aos interesses corporativos-privados que, nas últimas décadas, têm vindo a promover a neoliberalização da produção de C&T.

Não é também menos significativo que a diretora recentemente empossada seja, pela

primeira vez na história desta instituição, uma mulher, e em particular Elena Álvarez-Buylla. Após o anúncio feito por AMLO que Elena seria a próxima diretora da Conahcyt, deram-se várias reações dentro da comunidade científica, tanto em defesa como contra esta escolha. Entre as diversas críticas e argumentos contrários à sua nomeação, encontramos tentativas de desvalorizar não apenas o percurso científico, mas a experiência política da nova diretora. Numa estratégia que recorreu a métodos de desmoralização, numa clara tentativa de criar confusão no seio da comunidade, os seus opositores procuraram construir um movimento contrário, mas que não conseguiu ir além dos grupos que sempre se opuseram a Elena Álvarez-Buylla e às suas posições políticas.

Elena Álvarez-Buylla é uma reconhecida e galardoada cientista especializada em ecologia evolutiva e umas das fundadoras, em 2004, da União de Cientistas Comprometidos com a Sociedade. No entanto, é no campo da sua oposição aos organismos geneticamente modificados, e na sua defesa das variedades vegetais tradicionais, que ela se destacou no campo público da política mexicana. Crítica da ciência que se faz no seio tanto das grandes corporações biotecnológicas, bem como dos princípios científicos que as orientam, Elena tem vindo ao longo da sua carreira académica a defender um outro modo de fazer ciência. Um outro modo que ganha agora corpo na sua proposta política para a ciência dos próximos 6 anos, mas que enfrenta desafios na redistribuição de recursos que permanecem insuficientes.

[1] PRI - Partido Revolucionário Institucional, de centro-direita, e PAN – Partido de Ação Nacional, de direita.

[2] A sigla CUDOS tem origem nas normas que, segundo Robert Merton, são próprias da ciência (*communism; universalism; disinterestedness; organized skepticism*). ■

MESTRADO EM SOCIOLOGIA

Manuel Pereira Soares, *Cidades-Dormitório e Ligação ao Lugar: um olhar sobre Condeixa-a-Nova*. (dissertação) Orientador: Paulo Peixoto

Rafael dos Reis Martelli, *Boate Kiss: O Impacto do Evento nos Jovens de Santa Maria*. (dissertação) Orientador: José Manuel Mendes

Daniel Alexandre dos Santos Morais, *Os eventos desportivos, os jovens e a cidade: os Jogos Europeus Universitários Coimbra 2018*. (relatório de estágio) Orientador: Claudino Ferreira

Daniel da Silva Glória, *A Estratégia da Região Centro de Portugal e o Processo de Internacionalização da sua Economia*. (relatório de estágio) Orientador: José Manuel Mendes

Ana Luísa Matias de Sousa, *Os sem-abrigo e a sua relação com a cidade da Figueira da Foz*. (relatório de estágio) Orientador: Paulo Peixoto

Inês Raquel Nunes da Cruz, *Requalificação Urbana - Análise de Dados Estatísticos da Primeira Fase de Inquirição Realizada aos Operadores e Utilizadores do Mercado Municipal D. Pedro V*. (relatório de estágio) Orientador: Pedro Góis

Sandrina de Jesus Cardoso, *A Avaliação do Impacto da Formação na Administração Pública*. (relatório de estágio) Orientadora: Madalena Duarte

TESES DE DOUTORAMENTO

Doutoramento em Sociologia

Daniel Gameiro Francisco, *Território, Projetos e Cultura do Poder em duas Metrópoles de França e Portugal: Porto e Nantes em perspectiva comparada*. Orientador: Fernando Ruivo

Elisabete Ventura Roque Viais, *"Falar de Peito Aceso": Ser professor hoje, entre a vocação e a agenda educativa global*. Orientador: José Manuel Mendes

Ana María Castro Sánchez, *Arte con Política en el Activismo Feminista: La Acción Política Revuelta*. Orientadora: Paula Abreu

Doutoramento em Sociologia – Cidades e Culturas Urbanas

Paulo Soma, *As políticas públicas sobre o urbanismo em Angola*. Orientador: Paulo Peixoto

Doutoramento em Sociologia – Relações de Trabalho, Desigualdades Sociais e Sindicalismo

Carina Raquel Mendes Jordão, *As desigualdades entre mulheres e homens no mercado de trabalho e a performance dos países da União Europeia*. Orientadoras: Carla Amado e Virgínia Ferreira

Joana Gomes de Almeida, *Práticas sociais face ao desemprego: um estudo sobre a criação do próprio emprego*. Orientadores: Pedro Hespanha e Cristina Albuquerque

Rogério Lima Barbosa, *Ninguém nasce doente, torna-se doente! Itinerários de diagnóstico e Itinerários terapêuticos no caso da Neurofibromatose*. Orientadoras: Susan Kelly e Sílvia Portugal

Tania Maria Almenara da Silva, *A internacionalização da Educação Superior: Estudo Comparado entre Brasil e Portugal*. Orientador: Paulo Peixoto

Doutoramento em Democracia no Século XXI

Igor Ferraz da Fonseca, *Participação como método de governo? Potencialidades e limites na institucionalização de experiências transcalares de participação social no estado do Rio Grande do Sul, Brasil e na região Toscana, Itália*. Orientadores: Giovanni Allegretti e Leonardo Avritzer

Chrislain Eric Kenfack, *Política climática a partir de baixo: A campanha empregos para o clima como resposta do movimento social à governança global do clima*. Orientadores: Stefania Barca e Emanuele Leonardi

Doutoramento em Direito, Justiça e Cidadania no Século XXI

Córa Hisae Monteiro da Silva Hagino, *As mutações do ensino do direito: o(s) currículo(s), a(s) pedagogia(s) e a(s) avaliações em licenciatura em direito da Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra – um estudo de caso de Direito da Família e Menores (ano 2011/2012)*. Orientadores: António Casimiro Ferreira e João Pedroso

Doutoramento em Pós-Colonialismos e Cidadania Global

Eva Maria Garcia Chueca, *¿Puede el derecho a la ciudad ser emancipatorio?: Presencias, ausencias y emergencias en la construcción del derecho a la ciudad en Brasil*. Orientadores: Boaventura de Sousa Santos e Giovanni Allegretti

Fabício Dias da Rocha, *As histórias do depois: processos identitários na trajetória de moçambicanos "brancos" em Maputo e Tete após a independência de Moçambique*. Orientadores: Paula Meneses e Francisco dos Santos Noa



Contactos

Email: newsoc@fe.uc.pt

Morada: Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra. Av. Dias da Silva, 165, 3004-512 – Coimbra – Portugal.

Orientações para publicação:

A Newsletter *prisma.soc* é uma publicação dos cursos de Sociologia da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra (FEUC) destinada à difusão de informação e à publicação de pequenos ensaios e reflexões, assim como à divulgação de encontros e eventos realizados na FEUC e outras instituições. A *prisma.soc* publica textos da autoria de estudantes e professores dos cursos de pós-graduação, mestrado e doutoramento em Sociologia, mas também aceita contribuições de todos/as interessados/as em divulgar trabalhos e informações de natureza sociológica. A decisão sobre a publicação de contributos não solicitados será comunicada com celeridade aos autores.

Os/as colaboradores/as da *prisma.soc* devem observar os seguintes limites para as várias rubricas (em número de caracteres, incluindo espaços): "No terreno": 5.000; "Ensaio": 7.000; "Encontro": 3.000. As restantes colaborações não solicitadas não devem exceder 3.000 caracteres.

Os textos propostos devem incluir uma imagem de ilustração, a ser enviada conjuntamente para: newsoc@fe.uc.pt.

Outras informações poderão ser consultadas em: <http://www.uc.pt/feuc/eea/doutoramentos/sociologia/prisma.soc>